

O AMOR VEM
PRIMEIRO

Scott Hahn

O AMOR VEM PRIMEIRO

A família na Igreja e na Trindade

Tradução
Luís Margarido Correia



QUADRANTE

Título original
Love comes first

Copyright © 2020 by Scott W. Hahn

Capa
Karine Santos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Hahn, Scott

O amor vem primeiro: a família na Igreja e na Trindade / Scott Hahn; tradução de Luís Margarido Correia. – 1ª ed. – São Paulo : Quadrante Editora, 2020.

Título original: *Love comes first*

ISBN: 978-85-54991-46-3

1. Catolicismo 2. Cristianismo 3. Trindade 4. Trindade - Ensino bíblico I. Título

20-38883

CDD 231.044

Índice para catálogo sistemático:

1. Trindade : Doutrina cristã 231.044

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

Todos os direitos reservados a QUADRANTE EDITORA
Rua Bernardo da Veiga, 47 - Tel.: 3873-2270
CEP 01252-020 - São Paulo - SP
www.quadrante.com.br | atendimento@quadrante.com.br

Sumário

A história mais velha do mundo	11
Um é o mais solitário dos números.....	13
Do Paraíso para Grove.....	15
Famílias que não são como «no princípio».....	17
União no parto.....	19
Os valores familiares de Adão.....	21
O cinturão tribal	22
A exaltação da herança	23
Assumir a herança.....	24
Lares-modelo.....	25
Planejamento familiar nacional	27
A primeira revolução cristã.....	29
Mais do que meros amigos.....	29
O Filho também se levanta	30
Tudo em família.....	31
Revolução número 3.....	33
Para além da etnia.....	34
O Deus que é família	37
Deus é um, mas não é solitário.....	38
As propriedades da família divina	40
A Trindade infinita.....	41
A Trindade da terra.....	42
Uma união mais perfeita	43

O Deus que é aliança	45
Uma questão de economia.....	46
O Sétimo Céu	47
O investimento do filho	49
Ampliando os círculos familiares.....	50
Déficit econômico.....	51
O Deus que é Amor	53
Para que a história faça sentido.....	54
A guarda do jardim.....	54
Problemas no Paraíso.....	56
O silêncio não é precioso	57
O teste do medo.....	59
O núcleo da história	62
Servidores do altar	63
Selado com uma maldição	65
O parente redentor	66
O Deus que se fez homem.....	67
Puro amor.....	67
A Cruz é uma realidade trinitária.....	68
O preço é o rito.....	70
Mobilidade ascendente.....	71
Jurado outra vez	72
Recriando minha memória	73
Uma chamada íntima	74
Caindo para cima.....	76
Vida na Trindade	79
Doação sem fim	80
Filhos de um bem menor.....	82
O amor é um campo de batalha.....	83
Realidade virtuosa.....	85
No seio da doação em família.....	87
Simão disse: vivei como Deus.....	88
Nossa casa, a Igreja	91
Atenção, Judeia!	92
Uma esposa, um corpo	93
Sem Igreja não há Pai	94
Uma família funcional.....	95

Não existe nada como Roma	96
Vocação de pai.....	98
O espírito de família.....	101
O Grande Desconhecido	101
Assumindo a responsabilidade.....	102
Também conhecida como.....	103
Proferindo palavras de sabedoria	105
Provedor de almas.....	106
A essência da maternidade	107
Testemunhos santos.....	108
O caminho nupcial.....	110
Mas Ele ainda é nosso Pai	110
Procedamos	111
Lar é onde o coração (e a cabeça) está.....	112
Juntando os pares.....	114
A mão que balança o credo	115
O lar sagrado.....	117
Casamento a três.....	117
Amor exigente	119
1 + 1 = 1	120
Dispostos ao celibato	121
Alta fidelidade	123
Viver a vocação ao máximo.....	124
Uma coisa é certa.....	127
Nasce um herdeiro	127
Só palavras não bastam.....	128
Sem sombra de dúvida	130
Sinais da Igreja	132
A certeza do que se espera.....	134
Seguros em casa.....	135
Notas.....	139

Para Michael Scott Hahn

A história mais velha do mundo

Poucas coisas conseguem afastar um estudante da cantina. O jovem possui um apetite enorme e primário – mesmo por uma comida como aquela. Sei disso porque fui um estudante como outro qualquer no Grove City College.

Porém, em determinado dia de outono, descobri uma força da natureza que deixava quaisquer alimentos para trás: chamava-se Kimberly Kirk.

Fiquei espreitando à porta do salão enquanto ela tocava piano. A música era maravilhosa, mas a música – mesmo a da melhor qualidade, e as dela eram *de fato* deslumbrantes – não costuma comover muito um universitário.

Mesmo a distância, pude ver que a jovem sentada ao piano tinha um corte de cabelo bonito e atraente. Seu sorriso, para piorar, era mais atraente ainda.

Fui avançando e, entre uma peça e outra, tentei puxar assunto. Ela era, como vim a descobrir, muito ligada ao teatro e bastante interessada em literatura. Iria graduar-se em comunicação. Então, tocou uma peça que havia composto, e era excelente. Depois, passou a cantar enquanto tocava, ao que pensei comigo mesmo: «Ela deve ganhar a vida com isso».

Tive ali um pressentimento: era melhor ir embora o quanto antes. Scott Hahn não se apaixonaria por outra mulher. Com efeito, pouco tempo antes eu havia tomado a firme resolução de não voltar a namorar. Depois de vários relacionamentos, tinha percebido que o ambiente dos namoros não passava de uma armadilha emocional, de uma extensa bateria de jogos mentais feita para magoarmos e sermos magoados. Bastava! Além disso, eu estava muito ocupado com meus estudos em economia, filosofia e teologia, ao mesmo tempo que trabalhava como coordenador de atividades universitárias. Não tinha um minuto livre sequer.

Por isso, naquele dia de outono, com um educado «Prazer em conhecê-la», bati em retirada para a cantina.

Minha cabeça, no entanto, não me obedecia. Poucos dias depois, passava eu pelo pátio da universidade quando meus olhos notaram Kimberly perto de mim. Observei sua maneira de caminhar e pensei: «Minha nossa, ela é linda *mesmo!*». Meu pensamento voltou a nosso encontro no salão. «E ainda é inteligente e talentosa...».

De todo modo, permaneci firme em minha resolução. Não podia convidá-la para sair! Isso estava completamente fora de cogitação naquela fase da minha vida, mesmo se tratando de uma moça tão bonita, graciosa e talentosa. Não, eu não podia fazer isso.

Então, resolvi partir para a segunda melhor opção. Perguntei-lhe se queria trabalhar comigo na Young Life, um programa voltado aos jovens do qual eu participava numa escola local. Para minha alegria, ela respondeu que sim, sem porém me revelar que seu pai, vinte anos antes, fora um dos fundadores do movimento!

Foi ao longo desse trabalho em comum que eu realmente descobri Kimberly Kirk. Ela tinha uma fé e um zelo apostólico que ultrapassavam todos os seus outros dons. Nunca me cansei de sua companhia, e não tardou para que passássemos juntos quatro, cinco, seis horas diárias, intercalando nosso tra-

balho com guerras de bolas de neve, passeios longos, conversas sem fim e muita música agradável.

Bastou um mês para que minha resolução ficasse para trás. Fui derrotado. Kimberly Kirk e eu nos apaixonamos.

Não incomodarei o leitor com detalhes pessoais. Sei que não existe nada de extraordinário em nossa história. Conhecemo-nos e, embora pouco dispostos a nos apaixonar, sentimos atração um pelo outro. A essa atração comum, resistimos até o limite, mas não conseguimos. Um jovem conhece uma jovem, os dois se apaixonam... Trata-se, literalmente, da história mais velha do mundo.

Um é o mais solitário dos números

Quando os cristãos e os judeus contam a história da humanidade, eles «começam do começo»: pela criação de um homem chamado Adão. «Adão» é o nome de um indivíduo, do pai que funda a espécie humana, mas também é mais do que isso. *Adam* é uma palavra hebraica que significa «humanidade». Trata-se mais ou menos do mesmo sentido que os americanos dão ao vocábulo *Washington*: refere-se a seu primeiro presidente, à capital da nação e ao governo do país. A história de Washington é, em certo sentido, a história dos Estados Unidos. No entanto, a história de Adão é ainda mais grandiosa do que a de Washington. Pertence a todas as nações do mundo e a cada uma das pessoas. A história de Adão é a nossa história: a minha, a de Kimberly e a sua.

Recordemos a história com que começa a Bíblia. O Gênesis tem início com a narração da criação do mundo por Deus. Em seis «dias» consecutivos, Deus criou todas as coisas: a noite e o dia; o céu e os mares; o Sol, a Lua e as estrelas; os pássaros, os peixes e os animais selvagens. Depois de cada ato criativo, olhou para o que tinha criado e viu que era «bom». A fim, então, de coroar sua obra, Deus criou o homem no sexto dia e

deu-lhe poder sobre toda a terra. Só então olhou para sua obra e viu que *tudo era muito bom* (Gn 1, 31).

No capítulo seguinte do Gênesis, vemos que Deus proveu o mundo de tudo o que fizesse o homem feliz. *O Senhor Deus fez brotar da terra toda sorte de árvores, de aspecto agradável, e de frutos bons para comer* (Gn 2, 9). Deu a Adão um jardim luxuriante e cheio de frutos a serem cultivados e conservados (cf. Gn 2, 15). Deste modo, a terra era algo feito sob medida para a fruição de Adão, um mundo sem pecado, sofrimento ou doença, um mundo onde o trabalho era agradável e gratificante, um mundo – como nos conta o Gênesis – que era bom sem exigir nenhum esforço.

No entanto, Deus olhou para essa situação e, pela primeira vez, as Escrituras dizem que julgou que algo «não era bom». Ele disse: *Não é bom que o homem esteja só* (Gn, 2, 18).

Que afirmação extraordinária! Notem bem: isso foi antes da queda da humanidade, antes que o pecado ingressasse na Criação. Adão vivia numa terra paradisíaca como filho de Deus, feito à sua imagem (cf. Gn 1, 27). Mesmo assim, alguma coisa «não era boa». Alguma coisa estava inacabada. O homem estava sozinho.

Deus resolveu solucionar imediatamente a questão: *vou dar-lhe uma ajuda que lhe seja adequada* (Gn 2, 18). Então, levou a Adão todos os animais e pediu-lhe que os nomeasse. Tratava-se de uma maneira de incumbir Adão de cuidar deles, conferindo-lhe autoridade para tanto.

Não obstante, as coisas não caminhavam bem: *não se achava para ele uma ajuda que lhe fosse adequada* (Gn 2, 20). Ainda que Adão pudesse reinar sobre os animais, e ainda que fosse gratificante fazê-lo, mesmo assim sentia-se insatisfeito. Deus criara o homem no mesmo «dia» em que criara os animais, mas o havia feito muito diferente deles. Só o homem fora criado à imagem e semelhança de Deus. Mesmo com todos os animais do mundo, o homem sentia-se solitário na terra.

A narração que se segue no Gênesis é o núcleo de todas as histórias de amor:

Então o Senhor Deus mandou ao homem um profundo sono; e, enquanto ele dormia, tomou-lhe uma costela e fechou com carne o seu lugar. E da costela que tinha tomado do homem, o Senhor Deus fez uma mulher, e levou-a para junto do homem. «Eis agora aqui, disse o homem, o osso de meus ossos e a carne de minha carne; ela se chamará mulher, porque foi tomada do homem» (Gn 2, 21-23).

O mundo de Adão parecera completo. Estivera num bom emprego, com uma casa maravilhosa, carinho e respeito, uma vida ocupada... Todavia, Adão mesmo não se sentia pleno. Mesmo como «imagem de Deus», isso só aconteceu quando a mulher, Eva, entrou em sua vida. O homem e sua esposa tornaram-se *uma só carne* (Gn 2, 24). *Deus criou o homem à sua imagem; criou-o à imagem de Deus, criou o homem e a mulher* (Gn 1, 27).

Adão nunca mais soube o que era solidão, pois tinha Eva a seu lado num mundo perfeito. Podia agora constatar que a vida não se resumia a um trabalho frutuoso, a uma casa boa e a ter poder. Havia também o amor humano. Nem a excelente companheira de Adão se resumia a um bom partido, «a uma ajudante feita sob medida». Deus, afinal, abençoou-os e disse-lhes: *Frutificai e multiplicai-vos* (Gn 1, 28). A imagem de Deus ficou perfeita com a criação da família. Só então o Éden se converteu num paraíso.

Do Paraíso para Grove

Um jovem conheceu uma moça. Adão conheceu Eva. Scott conheceu Kimberly. Todos conhecem essa história. Trata-se do tema da maior parte dos filmes, das novelas, dos velhos épicos e das canções populares. Trata-se da substância

de nossas recordações mais queridas, dos nossos desejos mais íntimos ou de nossas necessidades mais pungentes. Não é bom estar só.

Sempre que leio a história mais antiga do mundo, não deixo de sentir certa nostalgia e de me identificar com Adão. Eu julgara ter tudo o que era preciso na vida: três títulos acadêmicos, um mais fascinante que o outro; um trabalho intenso e gratificante com gente jovem... E, é claro, havia a cantina: eu vivia num *campus* universitário todo arborizado, muito bonito, revigorante e com boas refeições. Nunca, portanto, reparara que estava incompleto. E nem tinha como sabê-lo, até que vi o que estava perdendo. Deus não me criara só para a filosofia, para a economia e para a teologia, nem só para o trabalho com os jovens – por melhores que todas essas coisas fossem. Deus me criara para muito mais: Ele havia me criado para Kimberly Kirk. Sua imagem em mim não estaria perfeita até que eu dissesse «sim» à sua clara chamada a me casar com ela.

Deus criou-me, assim como criou você ou qualquer outro, para a família. Todas as coisas que vemos, ouvimos, sentimos e tocamos na Criação são boas, mas não é bom que estejamos sós.

Aquilo que chamo de imperativo familiar é um axioma de nossa cultura. As universidades, por exemplo, tanto sabem disso que tentam apresentar-se como uma família adotiva para os adolescentes que vão morar longe de casa pela primeira vez – e, de fato, elas se saem bastante bem, fomentando laços que muitas vezes duram a vida inteira. A faculdade que frequentei refere-se a si mesma, nas correspondências enviadas aos ex-alunos, como *alma mater*, isto é, «mãe que alimenta». No *campus* há associações femininas e masculinas que realizam anualmente a «semana do regresso». Os dirigentes da associação de ex-alunos sabem que, enquanto mantiverem esse ar de família nas associações, ficarei mais propenso a fazer doações para o Grove City College.

Famílias que não são como «no princípio»

Os publicitários sabem e nós também: fomos feitos para viver em família. Para muitos, esta é uma verdade manifesta; para outros, uma promessa sem sentido ou jamais cumprida, uma afirmação quase inacreditável. Temos assistido à agonia da instituição familiar entre as gerações mais recentes. Há um século, era bastante comum que os casamentos só acabassem quando da morte de um dos cônjuges; hoje, muitos terminam em divórcios frustrantes. Inúmeras crianças acabam convivendo com a sensação de terem sido abandonadas por um de seus pais, quiçá até pelos dois. Um número grande de adultos se vê envolto em raiva e num profundo sentimento de traição. Famílias desequilibradas espalham-se como uma epidemia – ou mesmo como uma pandemia.

Para as vítimas de situações assim, a palavra «família» não traz boas recordações. Deus, para elas, figura como um ser cruel que nos criou para vivermos no meio da maldade, do desrespeito, ou até do abuso.

Os que viveram em lares disfuncionais, ou os que se viram traídos pelos esposos, reconhecem perfeitamente que foram privados de um *bem precioso*. A revolta, a amargura e a tristeza os esmagam precisamente porque eles sabem que perderam *algo essencial*, que foram privados de *alguma coisa que lhes pertencia por direito*. Eles alimentam uma ferida profunda, e uma ferida é sinal de que nossa natureza foi transpassada, decepada ou violada.

Essa ferida, em suma, é sintoma de que as pessoas perderam alguma coisa que a família lhes devia ter proporcionado. Suas respectivas famílias não foram o que deveriam ter sido, deixaram de cumprir aquilo para o qual Deus as criara. A culpa não é da família tal como Deus a concebeu, mas dessas famílias em concreto, que se afastaram do plano divino. A desordem familiar é uma clara consequência do pecado original, e não algo que Deus planejou com o intuito de nos atormentar.

Podemos até mesmo dizer que a única esperança de recuperar a integridade e alegria perdidas está em resgatar o plano de Deus para a família desde a Criação. O *Catecismo da Igreja Católica* diz-nos que

convém purificar humildemente nosso coração de certas imagens falsas a respeito «deste mundo». A *humildade* nos faz reconhecer que *ninguém conhece o Pai senão o Filho e aquele a quem o Filho o quiser revelar* (Mt 11, 25-27). A *purificação* do coração diz respeito às imagens paternas ou maternas oriundas de nossa história pessoal e cultural e que influenciam nossa relação com Deus. Deus nosso Pai transcende as categorias do mundo criado. Transpor para Ele, ou contra Ele, nossas ideias neste campo seria fabricar ídolos, para adorar ou para demolir. Orar ao Pai é entrar em seu mistério, tal qual Ele é, e tal como o Filho no-lo revelou (*Catecismo da Igreja Católica*, 2779).

Devemos nos esforçar para conquistar essa purificação, uma vez que o plano de Deus para as famílias vai além de uma mera receita para conservar a ordem doméstica (embora também o seja). Trata-se, antes, da satisfação de nossos anseios mais profundos – em relação ao amor, em relação à família e em relação ao nosso lar. Consiste na redescoberta do romance com que sempre sonhamos, mas para sempre. E mais: trata-se de um título de propriedade familiar que ninguém, nem mesmo um cobrador de impostos, nos pode tirar. Por fim, como se não bastasse, diz respeito à revelação mesma de Deus, em toda a profundidade de seu mistério.

Afinal, o âmago da experiência humana está na família, com a qual estamos já acostumados e que a maioria de nós julga entender, ao passo que, em algum lugar bem distante, para além dos limites do nosso espírito, encontrar-se-ia Deus, a Santíssima Trindade, por muitos tida como remota, abstrata e inacessível. O que proponho é que *não entendemos* aquilo que julgamos entender (isto é, a família) e que *temos à disposi-*

ção uma chave para compreender o que cremos ser incompreensível: a Trindade.

União no parto

Eu acredito nisso porque o vivi pessoalmente. Casei-me com Kimberly Kirk em 18 de agosto de 1979. Construímos nosso lar e vivemos a alegria da união entre um homem e uma mulher. No entanto, não foi no êxtase de nossa união corporal que primeiro vislumbrei de que modo a família manifesta claramente a vida de Deus, embora essa união tenha a ver com essa manifestação.

Para mim, essa primeira revelação se deu quando Kimberly estava grávida de nove meses do nosso primeiro filho. O corpo dela assumia novas proporções, e então percebi, como nunca percebera antes, que sua carne não tinha sido criada meramente para meu deleite. O que eu apreciara como uma coisa maravilhosa tinha se tornado meio para um fim grandioso.

Quando ela sentiu as primeiras dores do parto, corremos para o hospital com a expectativa de que nosso filho logo estaria em nossos braços. O parto de Kimberly foi difícil. Ironizei dizendo que, se os homens engravidassem, a espécie humana estaria extinta pouco tempo depois da Criação.

As horas se passavam – horas de um parto difícil, com as dores de Kimberly aumentando. Arrependi-me de minha brincadeira, pois assumiria de bom grado suas dores.

Passou-se uma manhã, depois uma noite... e mais uma manhã. Depois de trinta horas de trabalho de parto, o médico recomendou uma cesariana. Não fora assim que tínhamos imaginado o nascimento de nosso filho, mas a escolha estava fora de nosso controle.

Exausto, vi as enfermeiras levarem Kimberly numa maca. Fui caminhando atrás, segurando sua mão, rezando com ela e fazendo piadas, a fim de mantê-la com a melhor disposição possível. Quando chegamos à sala de cirurgia, as enfermeiras

a colocaram na mesa de operações e deram-lhe sedativos. Ela estava tremendo de frio, com arrepios e cheia de medo. Fiquei ao lado da minha esposa, que parecia crucificada sobre a mesa enquanto a abriam para trazer uma vida nova ao mundo.

Nada que meu pai me tivesse contado sobre a existência e nada que eu tivesse aprendido nas aulas de biologia haviam me preparado para aquele momento. Os médicos me autorizaram a ficar ali para assistir à operação. Quando os cirurgiões abriram Kimberly, pude notar seus órgãos vitais. «De fato», pensei, «nossa constituição é maravilhosa!» Então, chegou o momento em que, do meio daqueles órgãos todos, mediante um cuidadoso movimento de mãos por parte dos médicos, apareceu o belo corpinho do meu rapazinho, meu primogênito Michael.

Foi ali que me dei conta da transcendente beleza do corpo de Kimberly. Sangrando, assustada e queixando-se de dores, ela se tornou uma coisa sagrada, um templo vivo, o altar de um sacrifício vivo.

Eu podia olhar e tocar aquela vida que ela acrescentara ao nosso mundo – a vida que tínhamos feito em união com Deus. Uma terceira pessoa entrara na intimidade de nosso lar. Algo de novo começava para mim, para Kimberly e para nós dois. Deus tomara dois pares de olhos amorosos e deslumbrados e lançara-os em outra direção, sem que perdessem, porém, o deslumbramento e o amor. Agora éramos três em nosso alegre lar, cujo amor nos daria um lar mais alegre ainda.

Deus sabe: não é bom estarmos sós. Ele não quer que estejamos sós. Essa é a história mais velha do mundo. Está inscrita na natureza humana: Deus quer que tenhamos um lar.

Os valores familiares de Adão

Parece meio óbvio que as pessoas tendem a viver em família e que não é bom para o homem estar só. Até os anúncios dos jornais parecem apontar para isso. Por que, então, alguém escreveria um livro sobre o assunto? E por que ler uma obra inteira sobre ele?

Porque, até compreendermos verdadeiramente o que os antigos judeus e os cristãos denominam família, teremos de *esquecer* uma quantidade de coisas. Afinal, para que tipo de família fomos criados? Que espécie de amor e que tipo de lar satisfazem nossos anseios mais profundos? As respostas a essas perguntas podem nos ajudar a perceber por que tantas pessoas estão insatisfeitas com o amor e por que muitos o procuram em paragens sombrias.

O que a Bíblia entende por família¹?

Certamente, não é aquilo que você está pensando. Para a maior parte de nós, família significa (pelo menos em sentido geral) «mamãe, papai e filhos». Família seria este pequenino grupo de pessoas, unidas pelo casamento ou laços de sangue, que partilham um lar. Família seria o que cabe numa casa de campo ou num apartamento urbano. Talvez alguns sejam mais generosos e incluam os primos, os avós ou bisavós. Outros, mais generosos ainda, admitiriam primos em segundo

grau. No fim das contas, poderia tratar-se até do que os americanos de hoje chamam «família estendida», isto é, aquela gente toda que às vezes se reúne em ocasiões especiais. Pergunto muitas vezes a meus alunos quantos deles pertencem a uma família estendida. Normalmente, um quarto da turma levanta a mão. Continuo então o interrogatório, querendo saber quantas pessoas são necessárias para haver uma família estendida. A resposta costuma ser trinta ou quarenta, embora alguns cheguem a dizer quinhentas pessoas.

No entanto, mesmo quinhentos é um número muito baixo quando comparado à noção bíblica de família.

O cinturão tribal²

No antigo Israel – e também em muitas outras culturas antigas –, a família estendida moldava o mundo dos indivíduos. A família de cada um incluía os descendentes de determinado patriarca, que às vezes vivera séculos antes. A própria nação de Israel era como uma família, pois estava povoada, na sua maior parte, pelos que se diziam descendentes do patriarca Jacó (também chamado Israel). Os doze filhos de Jacó, por sua vez, deram a identidade às «doze tribos» de Israel. Cada tribo era uma família, e seus membros se tratavam entre si por «irmãos» ou «irmãs», filhos de um pai comum, o patriarca antepassado. Mesmo os primos afastados eram considerados irmãos. De fato, a maior parte das antigas línguas semíticas não tem palavra para «primo», razão pela qual usam «irmãos» ou «irmão» para designá-los. No livro de Josué, no Antigo Testamento, podemos ver uma descrição exata desta organização social com tribos, clãs e casas, vagamente equivalentes às nossas concepções de governos federal, estadual e municipal.

No dia seguinte pela manhã, Josué mandou vir o povo, tribo por tribo, e a sorte caiu sobre a tribo de Judá. Em segui-

da, aproximando-se as famílias de Judá, a sorte indicou a família de Zara. Mandou que se aproximasse a família de Zara por casas, e a sorte caiu sobre a de Zabdi, a qual se apresentou por pessoas (Js 7, 16-18).

Muitas vezes a família tribal estava condicionada, por herança, a certa parcela da terra. Deste modo, a «Terra de Judá» (Judeia) pertencia aos descendentes de Judá. A terra constituía seu patrimônio, um patrimônio recebido dos antepassados e de que a geração presente era fiel depositária em relação às gerações futuras da família. A família identificava-se com a terra. Vender a propriedade era algo impensável e, muitas vezes, legalmente impossível (cf. Lev 25, 23-34).

A mobilidade individual era, portanto, muito limitada. Uma pessoa normalmente vivia e trabalhava na terra da tribo e morria onde nascera. Se porventura alguém saía da terra tribal, continuava a identificar-se com sua tribo; ao longo da vida, sua «terra» era a de seus antepassados, e *não* aquela para onde emigrara. Da mesma forma, seus descendentes conservavam esta experiência considerando-se «estranhos numa terra estranha», mesmo se esta terra fosse aquela em que haviam nascido.

A exaltação da herança

O pertencimento à família não terminava com a morte. Como em outras culturas da Antiguidade³, os antepassados eram objeto de culto. Este culto dirigia-se sobretudo, mas não só, ao patriarca. O túmulo desse antepassado era considerado um segundo lar. Por meio da tradição oral, as famílias conservavam cuidadosamente a própria genealogia, que entrelaçava as muitas gerações passadas e unia ao patriarca as crianças de então.

Os membros de cada família viviam de acordo com um código – o qual normalmente não era colocado por escrito – que

prescrevia seus deveres para com o clã e sua conduta para com os de fora. Todos os membros estavam obrigados a defender a honra familiar. Um homem não escolhia sua ocupação com base nas próprias aptidões ou nos próprios interesses; seu trabalho era determinado pelas necessidades da família, e seus ganhos revertiam em favor do patrimônio familiar.

Também o pertencimento familiar definia a religião de cada um. A família constituía, em primeiro lugar, uma comunidade religiosa, perpetuada pelo culto de seus «deuses» familiares. O sacerdócio passava de pai para filho – em geral, o primogênito –, que conduzia o culto de acordo com a tradição dos antepassados⁴. O deus da família era o deus desses antepassados. Os israelitas, por exemplo, conheciam o Senhor Deus como *o Deus de Abraão, de Isaac e de Jacó, o Deus de nossos pais* (At 3, 13; cf. também Mt 22, 32). Esta situação verificava-se não só com os israelitas, mas com a maioria dos povos da terra: no antigo Oriente Médio, na Grécia e Roma antigas, na Índia, no Japão, na China e também na África.

Nas civilizações antigas, a religião era em grande medida uma questão familiar. Mais do que os laços de sangue, era o culto comum que unia a família ao longo das gerações e dos muitos graus de parentesco. Casar-se com alguém de determinada família significava aceitar os compromissos religiosos dela. Viver à parte da família, deixar a terra ancestral, recusar-se a viver segundo o código familiar, equivalia a romper com o culto da família e, assim, com a própria vida familiar.

Assumir a herança

No entanto, a porta não se abria apenas para fora. Uma família poderia aceitar – e de fato aceitava – estranhos como membros dotados de pleno direito, mas somente depois de terem se transformado em iniciados. E a forma legal, o processo ritual de boas-vindas aos membros novos, dava-se por meio de uma «aliança». A aliança era uma antiga forma familiar de

ampliar as obrigações e privilégios do parentesco a outros indivíduos ou grupos⁵. Quando uma família recebia novos membros pelo casamento ou por qualquer outra forma de acordo, ambas as partes – os novos membros e a tribo propriamente dita – selavam a aliança recém-celebrada com um juramento solene, partilhando um banquete e oferecendo um sacrifício.

Algumas alianças uniam duas grandes famílias tribais, com a pretensão de obter apoio e proteção mútuos. A aliança era mais que um pacto, e as partes tornavam-se mais que aliadas. Por força da aliança, elas ficavam unidas como família. O grande biblista Dennis J. McCarthy escreveu que «a aliança entre Israel e Javé transformou, de fato, no verdadeiro sentido da expressão, Israel em família de Javé. [...] O resultado [...] da aliança era encarado como uma espécie de relação familiar»⁶.

Lares-modelo

Os sociólogos desenvolveram inúmeros modelos para tentar compreender esta organização familiar. Penso que o modelo de Carle Zimmerman, da Universidade de Harvard, funciona muito bem, referindo-se às famílias antigas como «fiéis depositárias».

No monumental *Família e civilização*, Zimmerman explica:

As famílias fiéis depositárias chamam-se assim porque se consideram imortais, perpétuas e inextinguíveis. Como consequência, as gerações então vivas não são a família, mas fiéis depositárias do seu sangue, direitos, propriedades, nome e posição enquanto viverem⁷.

As famílias fiéis depositárias concebem fundamentalmente a família em termos religiosos. Não se trata apenas da família nuclear ou da família estendida, mas de todos os membros da família do passado e do futuro, bem como a presente geração. Um laço sagrado une os membros da geração presente com os antepassados que lhes comunicaram a vida; o mesmo laço

os une às futuras gerações que perpetuarão o nome da família, sua honra e o culto ancestral.

Esta concepção nada tem que ver com o que as pessoas entendem hoje por família. As famílias atuais se assemelham mais aos tipos que Zimmerman classifica como «família doméstica» e «família atomizada». A *família doméstica* é concebida como aquela baseada em laços conjugais: mulher, marido e filhos. Nesta concepção, os membros da família considerarão os direitos tão importantes quanto os deveres. Nas *famílias atomizadas*, contudo, os direitos individuais serão mais importantes do que os próprios laços familiares, e a família mesma existirá em função do prazer individual.

São claríssimas as diferenças entre cada uma dessas circunstâncias familiares⁸. Nas sociedades de famílias fiéis depositárias, a família é considerada uma realidade mística. Nas sociedades de famílias domésticas, paira uma tradição moral. Quando predomina a família atomizada, pode-se dizer que o lar é uma espécie de casulo, um organismo em que se nasce para se sair de uma vez. Nas sociedades fiáveis, o casamento é uma aliança sagrada. Já nas sociedades domésticas, trata-se de um mero contrato; e, nas atomizadas, consiste num arranjo de conveniência para não se viver isolado. Os filhos são considerados bênçãos de Deus nas famílias fiáveis; nas domésticas, agentes econômicos indispensáveis; na família atomizada, um fardo econômico, uma «despesa» e um obstáculo para a realização pessoal. Nas famílias fiáveis o pai é o patriarca, um sacerdote real que deve servir aos seus antepassados tanto quanto aos seus descendentes. Na família doméstica, o pai é um executivo autoritário de uma unidade econômica. Na família atomizada, uma figura patética que é posta de lado em nome do crescimento individual. Da mesma forma, cada tipo de família encara a imoralidade sexual de forma diferente. Para a família fiável, trata-se de um crime; para a doméstica, de um pecado pessoal; e, para a família atomizada, de um assunto particular, uma escolha, um estilo de vida alternativo.

Zimmermann assinala que apenas as sociedades fundadas em famílias fiáveis conseguiram ser civilizadas. No entanto, também é verdade que nenhuma dessas sociedades foi capaz de manter o estilo fiável ao longo de toda a sua existência. Na história das civilizações, há sempre uma fase em que a população começa a viver de acordo com o padrão da família doméstica. Essa fase é habitualmente curta, transitória, logo dando lugar ao modelo de família atomizada. Quando o modelo atomizado predomina, as obrigações familiares são encaradas como impedimentos à realização individual. A família atomizada, caracterizada pelo divórcio generalizado, pela atividade sexual sem barreiras e pelo declínio da população, geralmente indica que uma civilização entrou em decadência.

Planejamento familiar nacional

Todas estas considerações tiveram como finalidade ajudar-nos a compreender aquilo que os israelitas antigos, assim como Jesus Cristo e os primeiros cristãos, tinham em mente quando falavam de temas tão arraigados em seus (e nos nossos) corações. Devemos ter muito cuidado para não projetar nossas concepções modernas sobre as palavras dos autores bíblicos. Família, sociedade e religião eram, em grande parte dos casos, intercambiáveis para os israelitas. Família fiel era sinónimo de culto religioso, enquanto a «unidade familiar» consistia na própria sociedade! Do mesmo modo, um israelita chamará «irmãos e irmãs» às dezenas ou centenas de milhares (ou mesmo milhões) de seus... irmãos e irmãs.

Essa talvez seja uma generalização abusiva do «*não é bom que o homem esteja só*» declarado por Deus. No entanto, é de fato possível ver a lógica da família fiável no mandamento que Deus deu à primeira família: *Frutificai e multiplicai-vos, enchei a terra.*

Não basta ao homem ser criado «bom». E, ao que parece, também não lhe basta ter «uma ajudante feita para ele». Um

romance, por mais excelso que pareça ser, não é suficiente para contentar essas criaturas, para satisfazer suas obrigações para com Deus ou para completar a imagem de Deus na terra. O romance deve nos fazer deixar de pensar em termos egoístas – e os filhos vêm para mostrar ao casal apaixonado que há algo além da troca de olhares fixos e enamorados entre homem e mulher.

Parece, sim, que Deus nos «construiu» para vivermos numa família maior, para experimentar um amor muito maior – um amor que cresce infinitamente.